

## ENTRE GOSTAR E AMAR: ANÁLISE SINTÁCTICO-SEMÂNTICA E TEXTUAL \*

### 0. Introdução

Apesar de, actualmente, assistirmos à publicação de estudos que valorizam o papel da emoção na psicologia humana<sup>1</sup>, não encontramos uma definição universal de afecto, nos dicionários de língua ou da especialidade. Não retirando mais destas obras do que a referência à teoria psicanalítica, origem do conceito, encontramos apenas em estudos recentes, no âmbito da psicologia cognitiva, a distinção entre emoção e afecto.

Nesses trabalhos, o afecto é perspectivado como uma categoria muito geral (da qual a emoção é uma parte relativamente pequena), que implica necessariamente uma valorização, negativa ou positiva<sup>2</sup>. Tal conceito permite-nos designar um vasto conjunto de verbos, de que seleccionamos somente os pertencentes ao campo semântico do afecto positivo, para, des-

---

\* O presente artigo consiste numa síntese da tese de mestrado, com o título *Contributo para a Análise Sintáctico — Semântica e Textual de Alguns Verbos de Afecto*, orientada pelo Professor Doutor Mário Vilela e apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a 20 de Fevereiro de 1997.

<sup>1</sup> Como exemplo, confrontem-se obras como DAMÁSIO, A. — *Descartes Error: Emotion, Reason and Human Brain*, 1994, (trad.: *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano*, 3.ª ed., Mem Martins, Publicações Europa-América, 1995) e GOLEMAN, D. — *Emotional Intelligence*, 1995 (trad.: *Inteligência Emocional*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996).

<sup>2</sup> CLORE, Gerald L.; ORTONY, Andrew — *The Semantics of Affective Lexicon*, in HAMILTON, Vernon; BOWER, Gordon H.; FRIDJA, Nico H. (eds.) — *Cognitive Perspectives on Emotion and Motivation*, Netherlands, Kluwer Academic Publishers, 1988, p. 373). Todavia, dado que o sentimento linguístico geral relaciona o afecto apenas com a afectividade positiva, passamos a utilizar unicamente o termo afecto.

crevendo o seu funcionamento sintáctico, semântico e textual, fundamentar o seu tratamento dicionarístico<sup>3</sup>.

Esses lexemas são também classificados como verbos psicológicos, entendendo como tal, não só «tous les verbes qui dénomment un sentiment dont le déclencheur est le sujet (N°), le complément (N1) étant le siège d'un processus psychologique»<sup>4</sup>, mas também os considerados por Nicolas Ruwet, num capítulo intitulado «A propos d'une classe de verbes psychologiques», em que confronta exemplos «qui sont tous deux des verbes transitifs directes, ont des restrictions de sélection sur le sujet et objet à peu près exactement inverses»<sup>5</sup>.

Assim, a partir da discussão do fenómeno da transitividade e do esclarecimento da relação entre «frames» e cenas no texto, analisamos um *corpus* de textos jornalísticos<sup>6</sup>, para identificar os verbos psicológicos de afecto mais utilizados no Português actual — *gostar de* e *amar* — e as

---

<sup>3</sup> Constante do último anexo à dissertação citada. O interesse de tal estudo é assinalado na nota que transcrevemos: «l'état amoureux est celui dans lequel se trouve perpétuellement plongé Chérubin. Si, comme on le verra plus loin, le propre d'un sentiment est d'avoir nécessairement un objet, le cas de Chérubin, pressé du besoin de parler d'amour non seulement à toute femme, mais au vent et aux arbres, et faute de mieux à lui-même, est typique de la métamorphose du sentiment en état, car évidemment tout objet équivaut ici à aucun objet. Il semble que cette métamorphose ne touche, de tous les sentiments, que celui qui s'exprime par le verbe *aimer* qui, pour cette raison et d'autres encore, devrait faire à lui seul l'objet d'une étude.» (VAN DE VELDE, Danièle — *Les verbes dits «psychologiques» revus à la lumière des noms correspondants*, in «Revue de Linguistique Romane», Tome 59, n.º 233-234 (Jan.-Junho, 1995), Strasbourg, Société de Linguistique Romane, 1995, p. 79 (nota 26)).

<sup>4</sup> OLIVEIRA, Maria Elisa de Macedo — *Syntaxe des Verbes Psychologiques du Portugais*, Lisboa, I.N.I.C., 1984, p. 13.

<sup>5</sup> RUWET, Nicolas — *Théorie Syntaxique et Syntaxe du Français*, Paris, Éditions du Seuil, 1972, pp. 181-251.

<sup>6</sup> Para este trabalho, socorremo-nos de duas crónicas de Miguel Esteves Cardoso, vindas a lume em 19/6/1986 e 3/2/1995, a primeira no semanário *Expresso* e a segunda no *Independente*, sob os títulos «Amor» e «Amar» (que passamos a designar por Texto A e Texto B do *Corpus A*), inseridas nas rúbricas intituladas «A Causa das Coisas» e «Verbos Irregulares», respectivamente, e «cartoons» de Miguel, publicados de 18/6/1992 a Março de 1995, na revista semanal do *Público*, preenchendo a secção «Histórias de Amor» (a partir daqui, *Corpus B*). A selecção destes textos advém da especificidade do tema abordado e do seu meio de divulgação, o jornal, que contém usos da língua actuais e acessíveis a um elevado número de falantes.

respectivas estruturas frásicas (sintáctico-semânticas) de que são núcleo, procedendo à associação de *gostar de* com uma cena interaccional afectiva e *amar* com uma cena interaccional sobre o afecto.

## 1. Transitividade

Conceito da gramática latina que classifica como transitivas as orações susceptíveis de «passar»<sup>7</sup> de activas a passivas e intransitivas aquelas que não podem sofrer tal transformação, e que apresenta, na tradição gramatical, para lá de uma definição sintáctica que se aplica às orações em que se verifica a sequência verbo — objecto e aos verbos que se constroem com objecto directo, uma interpretação semântica, quando caracteriza como transitivos os verbos cuja acção denotada «passa» a um objecto, logo, os que contêm, no seu significado, o traço [+ activo].

Criticando esta última interpretação, Rafael Cano Aguilar reproduz a seguinte observação de Robins: «The weakness of semantic definitions is well illustrated here: *hit*, in *I hit you* is syntactically a transitive verb, and is often chosen as an example because the action referred to may plausibly be said to 'pass across' via my fist from me to you; but *hear* in *I hear you* is involved in exactly the same syntactic relations with the two pronouns, and is regarded as a transitive verb, though in this case, the 'action', if any action is in fact referred to, is the other way round; and who does what, and to whom in the situation referred to by the syntactically similar verb in *I love you?*»<sup>8</sup>.

Ainda no quadro da reflexão realizada pela linguística estrutural<sup>9</sup> sobre este tema, o mesmo autor postula a não existência de categorias

<sup>7</sup> De facto, a etimologia da palavra, o verbo latino «transire», significa, além de *passar e mudar-se, atravessar e transmitir* (GAFFIOT, Félix — *Dictionnaire Illustré Latin-Français*, Paris, Hachette, 1934).

<sup>8</sup> ROBINS, R. H. — *General Linguistics. An Introductory Survey*, 2.<sup>a</sup> ed., London, Longman Group Ltd, 1971, pp. 250-251

<sup>9</sup> Neste quadro teórico, é rara a abordagem deste fenómeno linguístico, porque, realizado na frase, pertence à fala e não é um facto do sistema (segundo a concepção saussuriana de que a frase não pertence à língua). Excepcionalmente, ocorre nas obras de: BLINKENBERG, Andreas — *Le Problème de la Transitivité en Français Moderne*, Copenhague, 1960; BALLY, Charles — *Linguistique Générale et Linguistique Française*, 3.<sup>a</sup> ed., A. Franke, S.A., Berna, 1950; TESNIÈRE, Lucien — *Éléments de Syntaxe Structurale*, 2.<sup>a</sup> ed., Paris, Kliencksieck, 1966.

fixas de verbos transitivos (ou intransitivos) e a realização deste fenómeno linguístico na frase, como, de resto, será perspectivado na gramática de dependências de Lucien Tesnière. Com efeito, para este último, o verbo, enquanto nó central da frase, é sempre, no plano das conexões estruturais, o elemento regente de que dependem todos os outros, substantivos subordinados, mas, no das conexões semânticas, são estes últimos elementos a determinar o elemento principal.

Tal concepção de frase é adoptada por Fillmore em «The case for case»<sup>10</sup>, que, numa crítica ao modelo de descrição enunciado por Chomsky<sup>11</sup> (assente no carácter básico da estrutura sintáctica formal e no papel meramente interpretativo da semântica), privilegia o estudo das estruturas lógico-conceptuais subjacentes aos factos linguísticos observáveis<sup>12</sup>, constituindo a semântica, e não a sintaxe, como componente central da gramática.

Assim, na sua proposta de uma gramática de casos — «considerável modificação (...) para a teoria da gramática transformacional»<sup>13</sup> —, Fillmore parte da análise das noções de «sujeito» e «objecto» próprias da gramática generativa<sup>14</sup>, para evidenciar que a mesma relação semântica pode realizar-se sintacticamente de variadas maneiras e, inversamente, uma estrutura gramatical é susceptível de exprimir diferentes configurações semânticas.

Contudo, assumindo esta posição, esta teoria segue a via aberta por Chomsky, quando assinala a relação, quase de paráfrase, entre frases que contêm elementos léxicos e funções sintácticas distintas, como *I liked the play/ The play pleased me*<sup>15</sup>, admitindo assim a existência de uma função

<sup>10</sup> FILLMORE, Charles J. — *The case for case* in BACH, E.; HARMS, R. T. (dir.) — *Universals in Linguistic Theory*, Nova Iorque, Holt, Rinehart and Winston, 1968, pp. 1-88 (trad. brasileira «Em favor do caso» in *Semântica: o Léxico*, pp. 277-365).

<sup>11</sup> CHOMSKY, Noam — *Aspects of the Theory of Syntax*, Cambridge, Massachusetts, M.I.T. Press, 1965.

<sup>12</sup> Sendo a definição de caso «um conjunto de conceitos universais, presumivelmente inatos, que identificam certos tipos de julgamentos que os seres humanos são capazes de fazer acerca dos acontecimentos que ocorrem a seu redor, julgamentos acerca de assuntos tais como quem fez, com quem aconteceu, e o que foi mudado.» (FILLMORE, C. J. — *Op. cit.*, 1968, p. 299).

<sup>13</sup> FILLMORE, C. J. — *Op. cit.*, 1968, p. 296.

<sup>14</sup> Que Chomsky considerava próprias da estrutura profunda e, conseqüentemente, universais linguísticos.

<sup>15</sup> Exemplo citado em CANO AGUILAR, Rafael — *Estructuras Sintácticas Transitivas en el Español Actual*, Madrid, Cremos, 1981, p. 35, ao lado de *Jonh bought the book from Bill. / Bill sold the book to Jonh.*

semântica mais abstracta (além dos conceitos de estrutura de superfície e profunda).

De facto, Fillmore, recorre aos mesmos verbos — «like» e «please» —, para demonstrar que vocábulos sintacticamente diferentes podem ser semanticamente idênticos, já que apresentam o mesmo esquema de casos — [- O + D], apenas se diferenciando nos traços de selecção do sujeito (o primeiro seleccionando D e o último, O) <sup>16</sup>.

De modo similar, Halliday em *An Introduction to Functional Grammar* <sup>17</sup>, define a noção de transitividade, considerando os verbos no contexto da frase e concebendo-a como especificação pelas estruturas linguísticas de diferentes tipos de processo que relacionam sistematicamente determinadas categorias semânticas: participante, processo e circunstância (realizados tipicamente por grupos verbais, nominais e advérbios ou frases preposicionais, respectivamente).

Estas últimas são especificadas em função dos três tipos de processo a que aparecem associadas: «material», «mental» e «relational» <sup>18</sup>. Dentro do segundo tipo — «processes of feeling, thinking and perceiving» —, que apresenta dois participantes obrigatórios («The Senser is the conscious being that is feeling, thinking or seeing. The Phenomenon is that which is 'sensed' — felt, thought or seen.» <sup>19</sup>), o autor propõe uma subclassificação

<sup>16</sup> FILLMORE, C. J. — *Op. cit.*, 1968, pp. 305 e 315.

<sup>17</sup> Definindo gramática funcional como «essentially a 'natural' grammar, in the sense that everything in it can be explained, ultimately, by reference to how language is used» (HALLIDAY, M.A.K. — *An Introduction to Functional Grammar*, Londres, Edward Arnold, 1985, p. XIV).

<sup>18</sup> O primeiro («processes of doing»), em que um ser faz alguma coisa que se pode repercutir noutro ser, apresentando sempre um primeiro participante (o actor, quem faz) e um segundo, facultativo (a meta, para a qual o processo é dirigido); o último («processes of being»), contendo dois participantes, tanto no «identifying mode», como no «attributive mode» (HALLIDAY, M.A.K. — *Op. cit.*, pp. 102-106 e 112-128).

<sup>19</sup> HALLIDAY, M.A.K. — *Op. cit.*, p. 111.

Pela sua natureza, o processo apresenta, para além do participante dotado de consciência (humano ou similar), um outro que é qualquer entidade passível de interiorização na consciência — fenómeno ou metafenómeno (distinguindo-se o primeiro, respeitante a coisas ou factos situados no espaço e no tempo, do último, definido por Halliday como «the logical-semantic relationship whereby a clause comes to function not as a direct representation of a (non linguistic) experience but a representation of a (linguistic) experience.», logo, entidades abstractas como as proposições) (HALLIDAY, M.A.K. — *Op. cit.*, pp. 227-8).

diferenciadora dos processos de: «perception» (respeitante a verbos como «see» e «hear»), «affection» (que exemplifica com «like», «please» e «fear») e «cognition» (por exemplo, «think», «know» e «understand»). Além disso, indica, como característica particular deste tipo, a representação na linguagem «as two-way processes: that is to say, we can say either *Mary liked the gift or the gift pleased Mary*»<sup>20</sup>. Assim, embora notando que nem em todos os processos mentais haja uma equivalência exacta como no par «liked» / «pleased», Halliday assinala igualmente a possibilidade de verbos diferentes estabelecerem a reversibilidade das funções semânticas.

Ainda relativamente aos processos mentais, o autor afirma que a presença do fenómeno na frase não é necessária, podendo apenas estar implícito.

Do exposto se conclui que os princípios funcionalistas desta teoria definem a transitividade, não só a partir das relações paradigmáticas e sintagmáticas tidas em conta na classificação dos verbos, mas sobretudo considerando a sua significação na frase, cuja combinação de elementos estruturais resulta de escolhas do falante, segundo os seus propósitos comunicativos.

Considerando a transitividade de igual modo — fenómeno gramatical e semântico que envolve propósitos pragmáticos —, Hopper & Thompson concebem-na ainda como uma propriedade escalar, que envolve dez componentes (participantes, cinesa, aspecto, pontualidade, volição, afirmação, modo, agentividade, afectação e individuação do objecto), cuja ausência ou presença determina o respectivo grau de (maior ou menor) transitividade da frase<sup>21</sup>.

Esta noção é adoptada em estudos recentes sobre esta matéria<sup>22</sup> como o artigo «Formas e funções do «CD» em português»<sup>23</sup> de Mário

---

<sup>20</sup> HALLIDAY, M.A.K. — *Op. cit.*, p. 110.

<sup>21</sup> HOPPER, Paul J.; THOMPSON, Sandra A. — *Transitivity in grammar and discourse* in «Language», Baltimore, 1980, vol. 56, n.º 2, pp. 251-295.

<sup>22</sup> Confrontem-se as teses de doutoramento: BRITO, Célia — *A Transitividade Verbal na Língua Portuguesa: uma Investigação de Base Funcionalista*, Araquara, 1996; GARCIA-MIGUEL, José M. — *Transitividad y Complementación Preposicional en Español*, Santiago de Compostela, 1995; PEREIRO, María del Carmen — *Clausulas Completivas en Función de Sujeto en Español*, Santiago de Compostela, 1994.

<sup>23</sup> VILELA, Mário — «Formas e funções do «C. D.» em Português in *Gramática de Valências: Teoria e Aplicação*, Coimbra, Almedina, 1992, pp. 43-115.

Vilela, que apresenta a seguinte escala de variação (baseada na dos dois autores citados):

«Transitividade forte	Transitividade fraca
dois ou mais complementos	um complemento
presença de acção	ausência de acção
presença de direccionalidade	ausência de direccionalidade
intencional	não intencional
agente capaz de acção	agente não activo
objecto totalmente afectado	objecto não afectado
objecto (bem) individuado	objecto não individuado» <sup>24</sup>

Assim, à luz dos princípios funcionalistas, esta perspetivação situa a transitividade ao nível do discurso, não apenas como noção multifactorial que articula características dos verbos — ou dos processos — e dos outros elementos — participantes e circunstantes —, mas também como um fenómeno gradual, distinguindo realizações frásicas mais ou menos transitivas.

A partir desta noção, Mário Vilela propõe uma sistematização da estrutura frásica correspondente, na abordagem das formas e funções do CD em Português realizada no estudo citado.

O primeiro modelo frásico/ argumental inventariado — Sujeito e CD, que configura o primeiro como agente e o último, como paciente — é apontado como subjacente à realização dos verbos psicológicos (além dos representativos da percepção física e dos verbos de posse).

Classificando-os como verbos «sentiendi», porque caracterizam sentimentos e confirmam linguisticamente processos de percepção física e intelectual, o autor considera-os (juntamente com os «dicendi»), no estudo das proposições com função de CD<sup>25</sup>. Relativamente a estas, são enumeradas

<sup>24</sup> VILELA, M. — *Op. cit.*, 1992, p. 50.

<sup>25</sup> Sublinhe-se, quanto a estas, a seguinte afirmação de Mário Vilela: «as construções ACI parecem constituir com as frases matriz construções mono-sentenciais, com um predicado complexo formado pelo verbo matriz e a construção ACI. Isto é, a construção ACI constitui um único argumento, embora semanticamente o enunciado seja constituído por dois verbos e seus respectivos argumentos» (VILELA, M. — *Op. cit.*, 1992, p. 104).

construções sintácticas como – Que + Frase completiva<sup>26</sup> e infinito (ou construções infinitivas), uma vez que a segunda construção é obrigatória sempre que o sujeito da oração subordinante é o mesmo da subordinada. É ainda referido, dentro dos predicativos de CD<sup>27</sup>, o predicativo estrito, complemento necessário, subcategorizado pelo verbo, que ocorre com verbos de actividade mental, volitivos e psicológicos.

## 2. Do campo semântico à cena

Opondo-se à primeira noção de léxico proposta por Noam Chomsky — uma listagem de palavras com informação idiossincrática<sup>28</sup> —, autores como Coseriu, Helbig, Wotjack e Pottier, postulam a existência de uma organização lexical segundo princípios semânticos. Esta estruturação é explicada pela teoria dos campos semânticos<sup>29</sup>, que define o significado de uma palavra em relação com outras pertencentes ao mesmo campo.

Continuando o estudo do léxico como algo organizado, mas ultrapassando este tratamento estritamente intra-linguístico, a teoria cognitiva, também considera o extra-linguístico, os contextos e a categorização do mundo, na configuração do significado.

Para confrontar estas perspectivas, recorreremos ao percurso teórico da obra de Fillmore que evolui do estudo da realização dos esquemas casuais na proposição, num primeiro momento, para uma semântica cujo centro de

---

<sup>26</sup> Além desta construção, o artigo considera as seguintes: ‘Se + frase completiva’; ‘Que (não conjuntor completivo) / quem / onde + frase completiva’; ‘Que/ quão / quanto / como (exclamativos) + frase; Frase intercalada’ (VILELA, M. — *Op. cit.*, 1992, pp. 96-100).

<sup>27</sup> A inclusão deste item nos tipos de proposição como CD resulta de o predicativo do CD ser redutível a um complemento oracional, derivado de uma frase. Assim, também estas construções são sintacticamente monossentenciais e semanticamente bis-sentenciais.

<sup>28</sup> CHOMSKY, Noam — *Op. cit.*, 1965.

<sup>29</sup> Segundo Mário Vilela, campo semântico é um «conjunto de palavras (ou lexe-mas) que configuram um dado domínio de conteúdo: domínio que pode ser um espaço conceptual, um domínio de experiência, um dado segmento da vida quotidiana, etc.» (VILELA, M. — *Do «campo lexical» à explicação cognitiva: RISCO E PERIGO*, in «Diacrítica», n.º 11, Braga, 1996, pp. 639-666 ).



descrição é o léxico, contemplando os esquemas casuais na sua vinculação a entradas léxicas concretas. Num terceiro momento, sobretudo em «Scenes and frame semantics»<sup>30</sup>, o autor desenvolve uma teoria de semântica lexical e explicação do texto, atenta, não só aos processos de compreensão do enunciado, mas também à consideração, no significado de uma palavra, do seu uso, contextos de emprego e protótipos cognitivos que organizam a experiência e conhecimento do mundo<sup>31</sup>. Esta abordagem, numa análise situada entre a gramática, o léxico e a pragmática, é efectuada a partir dos conceitos de cena e da sua articulação com o de «case frame»<sup>32</sup>.

No último artigo citado, estabelece a noção de «frame» «for referring to any system of linguistic choices (the easiest cases being collections of words), but also including choices of grammatical rules or grammatical categories — that can get associated with prototypical instances of scenes.», utilizando esta última palavra «to include not only visual scenes but familiar kinds of interpersonal transactions, standard scenarios, familiar layouts, institutional structures, enactive experiences, body image; and, in general, any kind of coherent segment, large or small, of human beliefs, actions, experiences, or imaginings.»<sup>33</sup>

Segundo o autor, todo o processo de comunicação envolve a activação, num falante (internamente) e entre os falantes de «linguistic frames» e cenas cognitivas, estabelecendo-se associações entre uns e outras (o que pressupõe uma activação mútua), além de ligações entre «frames» (em virtude do material linguístico partilhado) e entre cenas (pela semelhança de entidades, relações, substâncias ou contextos de ocorrência).

---

<sup>30</sup> FILLMORE, C. J. — *Scenes-and-frames semantics*, in ZAMPOLLI, Antonio (ed.) — *Linguistic Structures Processing*, Amsterdam, North-Holland Company, 1977, pp. 55-81.

<sup>31</sup> Esta periodização da obra de Fillmore — cuja primeira fase é caracterizada pela publicação de «Case for case», a segunda por «Lexical entries for verbs» (1968) e «Types of lexical information» (1971), e a terceira por «The case for case reopened» (1977), «Scenes and frame semantics» e «Schemata and prototypes» (1977) — é realizada por Sommers cit. in PEREIRO, María del Carmen — *Op. cit.*, 1994.

<sup>32</sup> Esta última noção fora equacionada, na sua proposta de gramática de casos, como imposição de uma estrutura sobre a conceptualização de um acontecimento, numa forma fixa e numa perspectiva ancorada numa das entidades envolvidas.

<sup>33</sup> FILLMORE, C. J. — *Op. cit.*, 1977, p. 65.

## 2.1. Explicação do texto

Desta forma, a coerência de um texto define-se pela contribuição de cada uma das sucessivas partes para a construção de uma única cena (eventualmente bastante complexa), consistindo uma análise do texto bem sucedida numa descrição da experiência de criação mental de um mundo realizada pelo intérprete.

Contudo, o resultado deste processo de compreensão não depende apenas da activação de uma cena na mente do intérprete, pela primeira parte do texto, e do fornecimento de mais dados da relação com outras cenas, pelos segmentos seguintes, mas também das experiências anteriores do intérprete (o mesmo ocorrendo na conversação, quando cada participante realiza uma activação prévia de cenas relativamente ao outro interveniente).

Assim, neste processo, as associações dependem não só da informação explicitamente codificada pelo sinal linguístico, mas também dos conhecimentos, experiências e memórias do intérprete activadas por esse material. Por isso, os factos de as escolhas linguísticas do falante activarem cenas do repertório do intérprete e de a continuação do processamento dos dados linguísticos ligar as cenas originais a outras conferem um papel importante às cenas prototípicas.

Esta conexão inextricável entre «lexical frames» e «cenas» permite ainda relacionar a sinonímia com a existência de cenas indistinguíveis para as quais o «frame» associado oferece opções lexicais e a não sinonímia com a tendência de «frames» diferenciados corresponderem a cenas distintas.

Fillmore sintetiza os dados da teoria apresentada, afirmando que «we need for semantic theory some notion of scenes; that scenes can be partly described in terms of the linguistic frames with which they are associated; and that scenes and frames, in addition to being cognitively linked with each other, are likewise linked with other scenes and other frames, in such a way that, in their totality, they characterize the perceived and imagined world and whole framework of linguistic categories for talking about imaginable worlds.»<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> FILLMORE, C. J. — *Op. cit.*, 1977, p. 72.

### 3. Inventário

No estudo dos dados da bibliografia linguística especializada, partimos da consulta de *Syntaxe des Verbes Psychologiques du Portugais*<sup>35</sup>, onde Maria Elisa Oliveira procede a uma listagem exaustiva destes verbos, apresentando quadros com a respectiva construção sintáctica. Conquanto tal inventariação revele uma significativa riqueza lexical e semântica (possibilitando a identificação de múltiplas cenas relacionáveis com o afecto), possui uma limitação decorrente da própria definição de verbo psicológico, que abarca somente os que realizam a estrutura N0 (sujeito, não restrito, desencadeador de) V (um sentimento) N1 (objecto, ser humano, sede de um processo psicológico)<sup>36</sup>.

Com efeito, segundo a teorização de Halliday, a representação linguística dos processos mentais (e respectivos participantes e circunstâncias) realiza-se através de frases transitivas, que contêm obrigatoriamente um participante dotado de consciência, caracterizado pelo traço [+humano], enquanto o outro (facultativo), tanto pode referir um fenómeno (objecto físico ou estado de coisas), como um metafenómeno (representações abstractas, como as linguísticas). Contudo, o mesmo autor refere, como característica própria deste tipo de verbos, a configuração de uma representação bidireccional, em que diferentes lexemas permitem a reversibilidade de localização desses participantes na estrutura da frase .

Já Maria Amália Mendes, em *Análise Sintáctica dos Verbos Psicológicos do Português*<sup>37</sup>, identifica dez estruturas frásicas (sintáctico-semânticas) próprias dos verbos que reuniu, tendo em conta o papel temático de experienciador e limitando-se aos predicados de emoção. Desta perspectiva resulta um inventário que completa o anterior, incluindo lexemas como *agradar, amar, apegar-se, aprazer, afeiçoar-se, gostar de, importar-se, prender-se a...*

Por seu turno, Rafael Cano Aguilar, em *Estruturas Sintácticas Transitivas do Espanhol Actual*<sup>38</sup> — estudo sintáctico e semântico, de

<sup>35</sup> OLIVEIRA, Maria Elisa de Macedo — *Op. cit.*, 1984.

<sup>36</sup> OLIVEIRA, Maria Elisa de Macedo — *Op. cit.*, 1984, pp. 13-14, na sequência de GROSS, Maurice — *Méthodes en Syntaxe — Régime des Constructions Complétives*, Paris, Hermann, 1975).

<sup>37</sup> MENDES, Maria Amália Pereira — *Análise Sintáctica dos Verbos Psicológicos do Português*, tese de mestrado, Lisboa, 1994.

<sup>38</sup> CANO AGUILAR, Rafael — *Op. cit.*, 1981.

mais de quatrocentos e cinquenta verbos do castelhano divididos em onze grupos, segundo os caracteres comuns mais relevantes da sua significação — trata, dentro do ponto «11. *Verbos de voluntad, emoción o sentimiento*», em 11.1, «los verbos que designam afecto o sentimiento do sujeto hacia alguien o algo»<sup>39</sup> — *amar, odiar, temer, querer* (com objecto directo [+ humano]), *estimar, despreciar, desdeñar, apreciar*...

Em *A Contribution to the Study of the Language of Emotion*<sup>40</sup>, Belinda Maia estabelece conjuntos de lexemas, a partir dos tipos de emoções reconhecidos pela psicologia cognitiva, e, em «*The lexicon of Liking*», classificando-os numa escala de emoção de 1 a 3, distribuí os verbos (com o registo da sua frequência de emprego), da seguinte forma: no grupo 1, *gostar de* (23%), *preferir* (5,4%); no grupo 2, *acarinhar* (0,2%), *amar* (31,6%), *enamorar* (0,4%), *enternecer* (9,1%), *querer* (1,4%); no grupo 3, *adorar* (4,4%), *apaixonar* ( 2,1%).

Quanto aos verbos psicológicos de afecto mais usados no Português actual, as crónicas constitutivas do *Corpus A* testemunham a utilização dos lexemas (que enumeramos, por ordem decrescente do número de ocorrências) *amar, querer, apaixonar-se, gostar de e enamorar-se*, enquanto o *Corpus B* verifica a actualização dos verbos *gostar de, querer, amar, apaixonar, preocupar, respeitar, adorar, importar-se, admirar, apanhar, interessar, preferir*.

A exiguidade da ocorrência da maior parte destes verbos, agravada por muitos deles não estarem usados na sua acepção afectiva (como *considerar, importar-se e querer*<sup>41</sup>), induziu-nos a restringir o campo deste estudo. Também a ocorrência de *apaixonar* (como de *apanhar, interessar e preferir*) se reveste de uma peculiaridade que determinou a sua exclusão: o emprego do Particípio Passado, sem configuração de passiva de estado, portanto, com carácter de adjectivo. Margarita Porroche Ballesteros explica este valor textual: «A nuestro juicio, el participio (...) puede fun-

<sup>39</sup> CANO AGUILAR, Rafael — *Op. cit.*, 1981, p.11.

<sup>40</sup> MAIA, Belinda Mary Harper Sousa — *A Contribution to the Study of the Language of Emotion in English and Portuguese*, tese de doutoramento, Porto, 1994. Este estudo baseia-se num *corpus* constituído por obras literárias.

<sup>41</sup> No que diz respeito a este verbo, o «*corpus*» atesta que expressões feitas com um valor significativo afectivo — *querer bem/ muito a alguém* — se encontram em desuso, e que, numa das suas utilizações, é comutável com o verbo *gostar de*, quando este exprime a volição. Por tudo isto, o considerámos até este momento e o abandonamos doravante, entendendo que merece um estudo particular.

cionar con valor verbal o con valor de adjetivo. (...) Con *estar*, el participio puede expresar el estado como una característica que en un determinado espacio temporal presenta el sujeto de la oración (p. ej. *ella está enfadada*) o el estado como resultado del fin de una acción o un proceso (p. ej. *la carta está escrita*, después de haberla escrito). En el primer caso, el participio funciona como adjetivo; en el segundo, tiene un valor verbal, y forma parte de lo que algunos autores denominan la pasiva de resultado.»<sup>42</sup>

Consequentemente, constituem objecto deste estudo apenas os verbos que registam mais ocorrências, em termos absolutos, — *gostar de* e *amar* — e valores relativos distintos nos *Corpora A e B* (o primeiro mais usado em B e o último, em A).

Confrontando a etimologia destes verbos, notamos que o primeiro se restringe a um sentido material e activo — ‘provar’, ‘saborear’, ‘tomar uma pequena refeição’ —, enquanto o último recobre, além de uma acepção dessa natureza — ‘fazer amor’ —, um significado psicológico muito lato — ‘estar apaixonado’, ‘sentir amor ou amizade’ —, consistindo ainda num «Mot expressif et affectif, particulièrement usité dans la langue familière et parlée qui s’emploie, entre autres, comme synonyme des verbes de sens plus abstrait *laudo, probó, gratus sum.*»<sup>43</sup>.

#### 4. Estruturas Frásicas

Quanto ao verbo *amar*, a estrutura frásica predominante — Suj. e CD — coincide quase totalmente com a proposta por Halliday como própria dos processos mentais, apresentando um participante sujeito correspondente sempre a um ser humano e o segundo, o CD, sempre igualmente outro(s) ser(es) humano(s), portanto um fenómeno, mas nunca um metafenómeno (veja-se *O António ama a rapariga*<sup>44</sup>).

<sup>42</sup> BALLESTEROS, Margarita Porroche — *Ser, Estar y Verbos de Cambio*, Madrid, Arco/Libros, S.A., 1988, p. 58 A autora continua tal perspectivização, incluindo a maior parte destes participios, pelo seu conteúdo semântico — a referência a um estado —, na abordagem dos adjetivos que se constroem exclusivamente com *estar*.

<sup>43</sup> ERNOUT, A.; MEILLET, A. — *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*, 4.<sup>a</sup> ed., Paris, Klincksieck, 1967.

<sup>44</sup> Passamos a transcrever, como exemplos, algumas das realizações atestadas no *corpus* que serviu de base a este estudo.

Assim, esta estrutura configura o esquema sintáctico transitivo, mas, dadas a ausência de acção e intencionalidade e a natureza do objecto (não afectado, mas bem individuado), as frases cujo núcleo consiste neste verbo revestem-se de um baixo grau de transitividade.

Todavia, essas realizações contêm os traços fundamentais propostos por Mário Vilela: a incompletude (já que o processo afectivo denotado pressupõe dois participantes — quem sente o afecto e o seu objecto) e a passivização (valor correlativo da transitividade, atestado por ocorrências do «corpus» como «*aquele que ama ou é amado*»). Este último facto é tanto mais atípico, quanto esses exemplos de construções passivas dizem respeito à acepção não activa do verbo, quando é perfeitamente sistemática essa possibilidade com a acepção activa (mais rara no «corpus», mas com uma estrutura sintáctico-semântica semelhante — *Você quer amar a minha mulher??!*).

Efectivamente, o *corpus* confirma a proposta de Mário Vilela para os verbos psicológicos (de percepção física) que prevêem o esquema Sujeito e Complemento Directo, em que o primeiro configura um Agente e o último, um Paciente — o percepcionador e a coisa percepcionada. Trata-se, contudo, de uma noção de Agente distanciada da estabelecida por Fillmore<sup>45</sup>, que, de resto, em «The Case for case» refere que, quer «please» e «interesting», quer «like», «want» e «think» se inserem no esquema [-O + D], os primeiros seleccionando O como sujeito e os últimos, D, sendo o «Objectivo (O), o caso semanticamente mais neutro, aquele em que qualquer coisa representada por um substantivo cujo papel na acção ou estado identificado pelo verbo é identificado pela interpretação semântica do próprio verbo: presumivelmente, o conceito deveria ser limitado a coisas que fossem afetadas pela acção ou estado identificados pelo verbo» e o «Dativo (D), o caso do ser animado afetado pelo estado ou acção identificados pelo verbo.»<sup>46</sup>.

Ainda relativamente ao verbo *amar*, o *corpus* documenta a raridade da construção sintáctica Suj. V. Sprep., específica de uma estrutura semântica em que o segundo participante não consiste, apenas num ser

<sup>45</sup> «Agentivo (A), o caso do instigador da acção identificado pelo verbo, instigador esse percebido tipicamente como ser animado» (FILLMORE, C.J. — *Op. cit.*, 1968, p. 299).

<sup>46</sup> FILLMORE, C. J. — *Op. cit.*, 1968, p. 300.

humano, mas pode configurar uma entidade divina<sup>47</sup>. Daí a utilização deste esquema sintáctico por um suposto falante que pretende desambiguar um emprego do verbo, na sua dimensão mental, que o ouvinte interpretará com o valor significativo físico — *No Reino do amor, amarei a todos os homens e a todas as mulheres*.

Na abordagem do verbo *gostar de*, deparamos com uma problemática idêntica, uma vez que, podendo receber uma caracterização semântica semelhante à do verbo *amar*, apresenta uma estrutura sintáctica particular, inclusiva de preposição (neste caso, *de*). Cano Aguilar estuda estas construções num capítulo intitulado «Transitividad de regimen preposicional», explicando que «la relación significativa entre verbo y complemento en estas frases parece idéntica a la existente entre los verbos transitivos y sus objectos directos.»<sup>48</sup>

De facto, comparando as realizações frásicas do *corpus* com a escala de transitividade, obtemos uma caracterização próxima da do verbo *amar*, possibilitando classificá-las como igualmente detentoras de uma transitividade fraca. O único traço divergente diz respeito à individuação do objecto que, sendo, na maior parte das ocorrências, bem individuado, apresenta casos em que é configurado por frase — infinitiva ou não (*As pessoas gostam de ver crimes* ou *Ele gostava que eu fosse uma mulher à antiga*) —, logo, é não individuado. De igual forma, quase metade das realizações do «corpus» prevêem o esquema casual privilegiado por *amar*: um Agente e um Paciente [+ humano] («Senser» e o «Phenomenon» de Halliday).

Todavia, o *corpus* testemunha especificidades deste verbo, quer no plano sintáctico, quer no semântico. Assim, dentro do mesmo esquema sintáctico, verifica-se uma variação na natureza do segundo participante, nem sempre um ser humano, mas também uma coisa, como é visível em *Não João, sabes bem que eu gosto mais de ti do que tu gostas de mim* e *Tu sabes que eu nem gosto da station dos Sousa*. Todavia, para lá destas entidades, fenómenos, este participante consiste frequentemente em metafenómenos, realizados sintacticamente pelas estruturas frásicas Suj. V. + prep. + F. infinitiva e Suj. – V. – F. completiva (já exemplifica-

<sup>47</sup> Registada, na *Gramática de Valências*, como possibilidade do A2 dos verbos de sentimento, com carácter obrigatório na expressão *amar a Deus* (VILELA, M. — *Gramática de Valências*, Coimbra, Almedina, 1992, p. 36 (nota de rodapé 2)).

<sup>48</sup> CANO AGUILAR, R. — *Op. cit.*, 1981, p. 359.

das), que podemos aproximar dos tipos de proposição inventariados por Mário Vilela para o CD.

Estas similaridades entre o CD dos verbos psicológicos e o complemento preposicional do verbo *gostar de* são notórias em realizações como *Os homens gostam de mulheres confiantes!* (aproximável do predicativo estrito) e *Ele gostava que eu fosse uma mulher à antiga.* (relacionável com a completiva). Estes últimos exemplos, que realizam uma acepção do verbo, não só psicológica, mas também volitiva (segundo Mário Vilela e Cano Aguilar), donde tão afectiva, como cognitiva, ocorre frequentemente com o Imperfeito do Indicativo.

Estes complementos frásicos (infinitivos ou não) permitem considerar *gostar de* um verbo quasi-modal, já que exprime a situação do sujeito — neste caso, uma espécie de volição — relativamente a emoções, percepções e acções<sup>49</sup>.

Além disso, dentro das construções infinitivas, o *corpus* regista várias realizações em que o Infinitivo denota uma actividade que é objecto e afecto — *Nós também gostamos muito de sair à noite.*

Tal variedade de estruturas sintácticas e especificidades semânticas da representação linguística do segundo participante do processo psicológico afectivo pode relacionar-se com a raridade da omissão textual do Fenómeno no «corpus», ao contrário do que Halliday postula. Em contrapartida, é mais frequente a não realização do sujeito, que designa o primeiro participante (talvez por este apresentar uma restrição de selecção muito forte — sempre [+ humano] —, logo, facilmente recuperável na envolvente textual).

Ainda relativamente ao verbo *gostar de*, o *corpus* documenta o concurso frequente de intensificadores (*mais, muito*) e outras expressões de modalização (*mesmo; da mesma forma; verdadeiramente*), em confronto com *amar*, raramente modificado.

Do maior uso de *gostar de*, aliada à variedade da sua estruturação sintáctico-semântica e a uma duplicidade do seu significado psicológico, pode decorrer a diluição e desvalorização da sua componente afectiva, enquanto, havendo menor utilização de *amar*, praticamente sem variação na sua estrutura sintáctico-semântica, a raridade da modificação do lexema é explicável pela valorização dessa sua dimensão afectiva.

---

<sup>49</sup> Observação de MAIA, Belinda — *Op. cit.*, p. 338.



Além deste aspecto, as actualizações destes dois verbos no *corpus* assemelham-se pela utilização preferencial do Presente do Indicativo, mas divergem na distribuição das realizações em termos de pessoas gramaticais: *gostar de* verifica um equilíbrio, quebrado por *amar* (com um nítido privilégio da terceira pessoa).

Do exposto, é possível concluir, relativamente aos dois verbos estudados, uma disparidade, ao nível das construções sintácticas, e uma semelhança na estruturação semântica.

Este facto, aliado à não ocorrência dos verbos *agradar* ou *encantar* (configuradores da estrutura semântica do verbo inglês «to please»), comprova o privilégio de uma perspectivação pelo uso actual da língua<sup>50</sup> que realiza uma só das direcções apontadas por Halliday: quem experiencia — o processo mental afectivo — sobre um fenómeno ou metafénomeno.

## 5. Análise do texto

Na sequência da evolução teórica de Fillmore, que passa do estudo dos esquemas casuais subjacentes à frase, até ao estabelecimento das cenas cognitivas e «frames» associados verificáveis no texto, realizamos uma análise exaustiva das duas crónicas constitutivas do *Corpus A*, de que apenas referimos as conclusões, destacando, como amostragem, as observações relativas aos primeiros parágrafos<sup>51</sup>.

A interpretação do Texto A permite delimitar uma cena englobante — de polémica (literária) sobre o amor —, que implica necessariamente a representação de cenas do amor (português), reproduzindo-se nesta sequência inicial da crónica, a cena prototípica da declaração. A cada uma destas cenas corresponde um «frame» de designação do processo psicológico afectivo: *amar*, à primeira; *estar apaixonado*, *gostar de* (e versões estrangeiras) à última.

<sup>50</sup> Lembre-se a afirmação de Fillmore «I thought of the case frame associated with a particular predicating word as the imposition of structure on an event (or the conceptualization of an event) in a fixed way and with a given perspective.» (FILLMORE, C. J. — *Op. cit.*, 1977, p. 58).

<sup>51</sup> Confrontar o anexo, em que trancrevemos esses parágrafos, e as pp. 69 a 94 da tese referida na primeira nota de rodapé deste artigo (SERENO, M.H.S. — *Contributo para a Análise Sintáctico-semântica e Textual de Alguns Verbos de Afecto*, tese de mestrado, Porto, 1997).

Além disso, na compreensão desta passagem, a identificação da cena global só é possível pela activação dos conhecimentos prévios do intérprete sobre a tradição literária da polémica sobre o amor, patente, quer no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, quer na obra de Júlio Dantas.

Já a leitura do Texto B faz apelo, não aos conhecimentos, mas às vivências do intérprete e do autor, aproximados pelo emprego do plural da primeira pessoa gramatical. Este texto expõe uma oposição entre duas cenas do amor: uma prototípica (do senso comum), caracterizada pela multiplicidade e pela proximidade com a da paixão; outra, atípica (proposta pelo autor), definida a partir da cena modelar do amor materno. O parágrafo inicial denota a rejeição do «frame» associado à primeira cena — *apaixonar, enamorar* — e a preferência por um «frame» que contempla exclusivamente o verbo *amar*.

Apesar esta semelhança e estratégia discursiva (e argumentativa), que evidencia o carácter polémico das crónicas, os textos distinguem-se, seja pela presença da cena do autor e da sua relação com as restantes, seja pelo papel do «frame» no processo de construção do sentido.

Assim, em A, a presença da cena em que o autor se situa, subjaz às outras, como quadro geral de interacção onde são representadas, não sendo o autor participante nas últimas, enquanto, em B, há uma sobreposição entre a cena do autor (em diálogo com o intérprete) e a cena do amor (mesmo materno) evocada, resultando da participação do autor nas duas cenas (também notória na utilização da primeira pessoa gramatical).

Este menor ou maior distanciamento do autor relativamente às cenas representadas é igualmente sensível na utilização dos «frames»: o Texto A desenvolve-se como um comentário do «frame» usado pelos portugueses, mas não pelo autor; o Texto B inicia-se pela opção, por parte do autor, de um «frame», a partir daí continuamente utilizado.

Tais diferenças de envolvimento do autor e de função do «frame» determinam a perspectivização externa, crítica (e satírica) do Texto A e interior, lírica (e poética), do Texto B.

Este desenho de cenas e «frames» resultante da análise do *Corpus A* é confirmado pelo conjunto de «cartoons» que compõe o *Corpus B*. De facto, este último indica que, em situação real de interacção amorosa, o verbo *amar* não é utilizado (ocorrendo em interacções sobre tema humanitário ou religioso), e mesmo o emprego do verbo *gostar de* é raro, sendo muito frequente, em cenas interaccionais sobre temáticas diversificadas e correntes (como o futebol, a televisão), para afirmar uma avaliação positiva subjectiva de algum facto ou actividade.

Por isso, o uso preferencial do Presente do Indicativo nos dois *corpora* decorre de uma dimensão similar das cenas representadas (o carácter interactivo), mas o domínio de *amar*, no *Corpus A*, e *gostar de*, no *Corpus B*, relaciona-se com o facto de as crónicas configurarem cenas globais de interacção — polémica —, sobre o afecto (de outros que não os interlocutores) e de os «cartoons» reproduzirem cenas interaccionais afectivas (porque envolvendo os seus participantes). Esta diferenciação explica também a distribuição, já referida, das utilizações dos dois verbos segundo as pessoas gramaticais (em que *amar* se distingue pela ocorrência preferencial com a terceira pessoa).

Esta conclusão comprovaria a tendência, prevista por Fillmore, de as cenas diferenciadas corresponderem «frames» distintos e, conseqüentemente, a não existência de sinonímia. Todavia, o *corpus* permite também, embora num plano secundário, a ligação entre *amar* e uma cena interactiva afectiva, além da religiosa e sexual (assim como *gostar de* com o que seria uma cena interaccional de expressão de desejo). Além disso, os «cartoons»<sup>52</sup> comprovam a possibilidade de alternância dos dois verbos na mesma cena de interacção sobre o afecto, corroborando antes a posição do autor sobre a sinonímia, já que «there are indistinguishable scenes for which the associated frame offers lexical options.»<sup>53</sup>

Por último, o confronto deste uso actual com a etimologia mencionada revela quase uma inversão na utilização destes dois verbos. De facto, a uma limitação da actualização de «amare» / *amar* às cenas referidas (abandonando cenas interaccionais correntes de carácter geral), corresponde uma especificação e banalização do emprego de «gustare» / *gostar de*, quer em cenas afectivas, quer em interactivas de contornos variados, mas implicando volição (pedido, sugestão, convite...).

## 6. Conclusão

Este estudo dos verbos psicológicos de afecto mais usados no Português actual demonstra, na comparação entre *gostar de* e *amar*, em primeiro lugar, uma distinta caracterização sintáctica, mas uma identidade da estrutura semântica (que aconselhou a integração do esquema prepositivo dentro do âmbito da transitividade), em segundo lugar, a ocorrência

<sup>52</sup> Veja-se o «cartoon» 20 reproduzido em anexo.

<sup>53</sup> FILLMORE, C. — *Op. cit.*, 1977, p. 78.

sistemática do segundo participante (ao contrário do que Halliday prevê para os processos mentais) e, por último, a inclusão de *gostar de* e *amar* em «frames» diferenciados, relativos a cenas também distintas — associando-se o primeiro verbo a uma cena interaccional afectiva e o segundo a uma cena de interacção sobre o afecto.

Além disso, tendo em conta a compreensão dos «case frame» exposta por Fillmore, quando escreve «they presuppose a fairly complete understanding of the nature of the total transaction or activity, and that they determine a particular perspectival anchoring among the entities involved in the activity.»<sup>54</sup>, as realizações do *corpus* atestam, quer a importância do fenómeno (ou metafenómeno) objecto de afecto — daí a inerente dimensão transitiva deste grupo de verbos —, quer a extrema simplicidade da representação linguística preferida pelos falantes do Português actual, numa perspetivação unidireccional do processo psicológico que apresenta o ser humano (experienciador), o afecto e o seu objecto (fenómeno ou metafenómeno).

Por último, pensamos que a análise efectuada permite colocar duas hipóteses, a verificar em trabalhos posteriores, com um *corpus* mais amplo e representativo. A primeira reside na notória correspondência entre o domínio da utilização de *amar* e *gostar de* com registos mais ou menos formais, mais ou menos cuidados e textos escritos ou orais, literários ou não literários, respectivamente<sup>55</sup>. A segunda consiste, até por sublinhar o papel do intérprete na construção do sentido, na possibilidade de aproximação das duas cenas identificadas, aquela em que os dois intervenientes falam do(s) seu(s) próprio(s) afecto(s) e gosto(s) e aquela em que dissertam sobre o amor de outrem<sup>56</sup>.

Maria Helena Sampaio Sereno

---

<sup>54</sup> FILLMORE, C. — *Op. cit.*, 1977, p. 59.

<sup>55</sup> Tendo em conta que a maioria dos «cartoons» representa possíveis situações de interacção.

<sup>56</sup> Roland Barthes afirma-o da seguinte forma: «A utopia do amor, a característica que o faz escapar a todas as dissertações, seria que, em última instância, não é possível falar dele senão segundo uma estrita determinação alocutória; (...) Ninguém tem necessidade de falar do amor senão é para alguém.», BARTHES, Roland — *Fragments de um Discurso Amoroso*, Lisboa, Edições 70, 1977, p. 99.

## ANEXO \*

### CORPUS A

#### TEXTO A

Miguel Esteves Cardoso:

#### Amor

«Dyz m'a mim meu coração  
porque m'a isto nam calo,  
poys ves nam chegua payxom  
deste cuydado que falo»

CANCIONEIRO DE RESENDE, Tomo I

Mesmo que Dom Pedro não tenha arrancado e comido o coração do carrasco de Dona Inês, Júlio Dantas continua a ter razão: é realmente diferente o *amor* em Portugal.

Basta pensar no incómodo fonético de dizer «*Eu amo-o*» ou «*Eu amo-a*». Em Portugal aqueles que amam preferem dizer que *estão apaixonados*, o que não é a mesma coisa, ou então embaraçam seriamente os eleitos com as versões estrangeiras: «*I love you*» ou «*Je t'aime*». As perguntas «*Amas-me?*» ou «*Será que me amas?*» estão vedadas pelo bom gosto, senão pelo bom senso. Por isso diz-se antes «*Gostas mesmo de mim?*», o que também não é a mesma coisa.

---

\* Vid. *supra* nota 6.

**TEXTO B**

Miguel Esteves Cardoso:

**Amar**

Dantes pensava que havia muitas espécies de amor. Mas depois apaixonou-me. Não gosto do verbo, mas 'enamorar' ainda me parece mais ligeiro. Não nos apaixonamos pelos nossos pais nem pelos nossos irmãos, nem pelos nossos filhos. Amamo-los, estejam ou não connosco, queiramos ou não queiramos. E esse amor é simples.

CORPUS B

«CARTOON» 20

# HISTÓRIAS DE AMOR

Miguel

## DESAFIOS



